

LITERATURA DE CORDEL

Por César Obeid

Ilustrações: xilogravuras de Eduardo Ver, do livro *Vida rima com Cordel* (Editora Salesiana)

Estamos vivendo, sem sombra de dúvidas, um momento áureo da Literatura de Cordel, onde os educadores estão descobrindo a sua real grandeza e o auxílio que este tipo de narrativa trás para o desenvolvimento integrado dos estudantes, que, em todos os níveis, mostram-se ávidos por conhecer esta forma de "contar histórias". Também observo que os órgãos públicos e entidades culturais estão abrindo espaço para as culturas populares em geral e que nós, brasileiros, finalmente voltamos os olhos para a nossa terra, nossa arte e cultura.

Nas oficinas e cursos que ministro para educadores, a história quase sempre se repete: alguns educadores já ouviram falar sobre o tema e têm alguma noção, outros arriscaram até fazer os folhetos com imagens em xilogravuras e penduraram no barbante, completando o trabalho. Mas o caminho com o cordel em sala de aula pode ir muito além, pode incluir o corpo, a voz e o coração dos envolvidos. Faço um convite para entrarmos neste fantástico mundo das rimas e da oralidade da cultura popular brasileira!

Mas, se contente e satisfeito eu vejo o interesse por parte do sistema educacional, também fico preocupado com o grande número de informações equivocadas presentes nos livros didáticos e na internet, reproduzidas sem o menor filtro nas salas de aula. Vale a pena fazer alguns esclarecimentos sobre este tema. Para tanto, nada melhor do que estrofes de cordel para nos elucidar!

O cordel é diferente
Do repente improvisado
O cordel é sempre escrito
Em folheto e declamado
O repente é improvisado
Sem ter nada decorado.*

Perceba que o cordel e o repente são duas manifestações distintas. A literatura de cordel é impressa na forma tradicional dos folhetos, ou seja, são versos escritos, preparados e corrigidos. Já o improviso (repente) é feito ao som da viola, instrumento que serve de base para o poeta construir suas estrofes. Vale lembrar que o improviso que originou a literatura de cordel foi este, o de viola, e não o de pandeiro (embolada) que não segue as mesmas regras do cordel. Como também é válido dizer que, hoje em dia, muitos cordelistas também fazem seus cordéis em livros, cd's e também na internet, pois o que vale, para o poeta, é a tradição dos versos e não a forma de impressão.

É interessante notar que, durante a emissão do canto improvisado, raramente o poeta toca o instrumento, deixando para fazer somente no final da estrofe. Esta é uma característica presente em muitos improvisos espalhados pelo mundo!

O cordel desenvolveu-se
Nas quebradas do sertão
Do agreste ou cariri
Toda aquela região
Onde a chuva é abençoada
E o sol faz judiação.

A maior parte dos poetas de cordel e de repente denominam-se "sertanejos", ou seja, oriundos do sertão nordestino, embora muitos também sejam nascidos no agreste, no cariri, no brejo e outras regiões interioranas.

A maior incidência de poetas ligados ao cordel e ao repente de viola é nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará e Pernambuco.

Mas o nome do "cordel"
Provém lá de Portugal
Os cordéis ali ficavam
Pendurados num varal
No Brasil é diferente
"Folheto" é o nome usual.

Em Portugal e em alguns países da Europa existia uma forma de impressão chamada literatura de cordel. Nome dado devido à exposição dos folhetos em

barbantes que eram vendidos em feiras. Autores como Camões e Gil Vicente publicaram suas obras em folhetos de cordel.

No nordeste brasileiro, mantivemos apenas o nome, mas a tradição de pendurar em barbantes não perpetuou.

Claro que, mesmo nas feiras do sertão, os folhetos poderiam ser expostos em varais, como muitos produtos são (temperos, utensílios, etc). Mas esta forma de exposição não caracteriza a tradição poética popular.

Obs: Eu uso o verbo no passado "poderiam" pois o cordel não é mais, pelo que eu tenho pesquisado, vendido em feiras populares e sim, em feiras de artesanato, aeroportos, shoppings, escolas, shows de poetas, etc.

Na verdade, não haveria muito problema esta questão de ser ou não ser pendurado em barbantes; o problema maior é que, quando este detalhe chega em sala de aula, aparece tão "folclorizado" que acaba reduzindo todo o universo da tradição poética nordestina ao barbante. Já encontrei muitos educadores que quiseram trabalhar a literatura de cordel com seus alunos, e assim fizeram os folhetos, as capas em xilogravura, penduraram nos barbantes, mas não fizeram sequer uma estrofe rimada e metrificada, como é o cordel brasileiro, que, por sinal, o povo nordestino chama de "folheto".

O cordel foi no passado
O jornal do sertanejo
Sem TV nem internet
Num pequeno vilarejo
Esperavam o poeta
Com a rima e com gracejo.

Hoje é muito diferente
De alguns anos atrás
Porque hoje está presente
Nas maiores capitais
Todo o mundo já conhece
Suas rimas naturais.

A literatura de cordel serviu, durante muitos anos, como meio de comunicação entre as comunidades sertanejas, ou seja, acontecimentos, fatos históricos, nacionais, mundiais ou regionais eram escritos em versos pelos poetas.



Hoje em dia, esta tradição do cordel "jornalístico" ainda se mantém, embora em menor intensidade, pois os poetas também fazem seus textos para serem lidos independente do momento histórico.

O cordel também é feito
Por migrante nordestino
Mesmo longe de sua terra
Não esquece seu destino
E preserva sua cultura
Como um grande peregrino.

Não podemos esquecer que o migrante nordestino é, em grande parte, o sertanejo, não o litorâneo. Para se ter uma idéia, residindo em São Paulo e na Grande São Paulo temos, em média, 300 artistas nordestinos ligados ao cordel.

Rimas são terminações
Que possuem o mesmo som
Por exemplo "tédio" e "prédio"
"Batom" rima com "bombom"
"Céu" não rima com "cresceu"
Nem "feijão" rima com "dom".

A literatura de cordel é escrita, invariavelmente, em versos, e esses versos são rimados, como grande parte da poesia oral e popular. Mas como são as rimas do cordel? São rimas que têm exatamente o mesmo som, não pode ser som parecido! Assim manda a "tradição" que rima com "coração".

Não podemos confundir literatura de cordel com outros gêneros de poesia popular, como por exemplo, a chamada "Poesia Matuta", na qual Patativa do Assaré é um grande representante. Neste gênero, eu posso rimar "Café" com "Muié" (referindo-se à "mulher") ou então "Horas" com "Aurora". O cordel não permite rimas assim.

Xilogravura na capa
O folheto recebeu
Um desenho na madeira
Que o verso engrandeceu
Acho que você é capaz
De também fazer o seu...

Embora a xilogravura esteja umbilicalmente ligada à tradição do cordel, existem muitos cordelistas que editam seus folhetos ou livros sem esta técnica milenar de impressão na madeira. Como eu disse, o que vale para o cordelista é a estrutura de versos e rimas. Claro que, em sala de aula, é aconselhável fazer com os alunos

um trabalho parecido com a xilogravura, pois a goiva (ferramenta que corta a madeira), pode causar acidentes. Muitos professores de educação artística utilizam bandejas de isopor que pode resolver o problema da sala de aula, mas é péssimo para o meio ambiente, pois a reciclagem deste material é horrível, ou seja, se pudermos nem consumi-lo o planeta agradece. Cada educador pode pesquisar materiais alternativos.

Quanto à estrutura...

A estrofe mais utilizada no cordel é a sextilha, uma estrofe de seis versos (reparem as rimas nos versos pares). E a métrica é de sete sílabas, que é a técnica mais difícil de conquistar.

A Métrica é a medida de um verso. A contagem das sílabas poéticas de um verso é diferente da contagem gramatical. Nesta, contam-se todas as sílabas, já no verso, a contagem é feita como se fala. A contagem é feita até a sílaba tônica da última palavra.

Os assuntos do cordel podem ser muito diversos: atualidades, histórias fantásticas, poesias, etc. O limite é a imaginação de cada poeta! É muito interessante em sala de aula deixar os alunos escreverem sobre temas que os interessem.

Outras modalidades de estrofes:
(Considere A, B e C: Versos que rimam e X: Versos livres)

Setilha: Estrofe de sete versos. Posição das rimas: XAXABBA.

A mãe-terra gera a vida
Quando tem uma semente
Mas precisa muita água
Terra fria e sol bem quente
Assim é a natureza
Sua vida é a certeza
De dar vida para gente.

Oitava: Estrofe de oito versos. Posição das rimas: AAABCCB

Mesmo sendo mais parado
Sou um pouco limitado

Mas não me olhem de lado
Por eu ser deficiente
Minha vida é tão contente
E bastante colorida
Que eu adoro a minha vida
Mesmo sendo diferente.

Décima: Estrofe de dez versos.
Posição das rimas: ABBAACDDC

Se o planeta é ameaçado
Pelo homem é agredido
Nosso ar é poluído
Respirar é complicado
Até água, o bem sagrado
Vai findar, não vamos ter
O que nós vamos beber
Sem ter água bem potável?
Sem ter lixo reciclável?
O futuro o que vai ser?

Como trabalhar o Cordel em sala de aula – O Projeto

Para começar o trabalho com o cordel em sala de aula é importante conversar um pouco sobre a cultura popular (também chamada de folclore) e a cultura de massa (difundida na chamada grande mídia). Mostre algumas diferenças entre elas, mostre que a cultura de massa é feita pela minoria, porém consumida na grande maioria do país, independente da região (por exemplo, o sabor da Coca-Cola é o mesmo por todo o Brasil e por todo mundo). Mostre também que a cultura popular tradicional é inversamente proporcional à cultura de massa, ou seja, ela é feita pela maioria e consumida pela minoria no âmbito regional. Neste momento é importante apontar e valorizar as diferenças regionais existentes no artesanato, culinária, dança, sotaque, etc. Este trabalho é excelente para minimizar as diferenças, às vezes preconceituosas, existentes entre os alunos, além de apontar para a riqueza da diversidade cultural brasileira.

Depois de analisado este panorama, elabore uma entrevista, se possível para ser feita com nordestinos ou artistas populares, e coloque seus alunos em campo. As perguntas podem ser: Você já ouviu falar de literatura de cordel? Na sua região

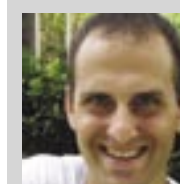
tem esta manifestação? Você conhece algum cordelista? Sabe algum verso de cor? Elabore outras também.

Depois da pesquisa com a comunidade nordestina e, se possível, com cordelistas e repentistas, faça uma pesquisa na internet e veja se há divergências entre as informações.

Inicie agora o processo de escrita. O melhor a fazer é propor um relato de uma história conhecida (conto de fadas, história da tradição ou fábula). Ou seja, transformar um texto em prosa para alguma das modalidades de estrofes do cordel, respeitando sempre a métrica e a posição das rimas. A sextilha sempre é a modalidade mais fácil para o iniciante.

Depois das estrofes escritas, proponha uma encenação ou um jogral. Separe um ou dois versos por aluno, faça-os decorar, incentive o uso da linguagem corporal expressiva, estimule-os a mexer os braços, as pernas, alterar a voz e as emoções. Use adereços, música, etc. Faça, se possível, uma apresentação final para outros alunos e familiares. Não se esqueça de que o cordel é para ser dito, falado com a voz e o coração! Tenho certeza que todos vão se encantar! ■

* As estrofes deste artigo fazem parte do livro Vida rima com Cordel (Editora Salesiana).



César Obeid é escritor, educador e pesquisador. Nasceu em São Paulo (SP) e tem dedicado suas atividades à difusão da literatura de cordel e do repente de viola. Trabalha com a recriação do cordel

e do repente na educação, no teatro, em eventos e na literatura. Instituições como SESC, SESI, casas de cultura, bibliotecas, empresas, escolas, faculdades, sindicatos de professores, secretarias estaduais e municipais de cultura e educação recebem seu trabalho. É secretário da Ucran (União dos Cantadores Repentistas e Apologistas do Nordeste). Formado em Administração de Empresas pela Universidade Mackenzie, foi aluno especial na matéria "Cultura Popular" no curso de pós-graduação da Universidade de São Paulo (2001). É autor dos livros: Minhas rimas de Cordel (Editora Moderna, menção "altamente recomendável" FNLIJ-2005), O Cachorro do Menino (Editora Moderna) e Vida rima com Cordel (Editora Salesiana). Site do autor: www.teatrodecordel.com.br